

**OS FAZERES
JORNALÍSTICO-CULTURAIS
DO PROGRAMA DE
EXTENSÃO 'PARAÍBA
CRIATIVA'**

THE JOURNALISTIC-CULTURAL
PRACTICES OF THE 'PARAÍBA
CRIATIVA' EXTENSION PROGRAM

LAS ACCIONES PERIODÍSTICAS –
CULTURALES DEL PROGRAMA DE
EXTENSIÓN PARAÍBA CREATIVA

André Luiz Piva de Carvalho^{1, 2}

RESUMO

Relatamos os trabalhos jornalísticos realizados pela equipe do Programa de Extensão "Paraíba Criativa - a cultura paraibana no mundo da economia criativa", em atividade desde 2012. Discorreremos sobre o cotidiano do programa: as pesquisas inventariantes sobre o mundo artístico e cultural do Estado, a produção de notícias sobre o mesmo objeto, assim como a elaboração da agenda cultural. Os conteúdos produzidos alimentam diariamente o site www.paraibacriativa.com.br, provavelmente o maior do País no quesito de inventariação das artes e culturas de uma unidade federativa do Brasil. A pesquisa do inventário é realizada no formato e com técnicas da pesquisa em Jornalismo, com base em fontes secundárias, mas também de forma presencial, em procedimentos etnometodológicos, na linguagem acadêmica da extensão,

¹ Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde coordena a pós-graduação *lato sensu* em Turismo de Base Local. Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: profpiva@uol.com.br.

² Endereço de contato do autor (por correspondência): Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I. Departamento de Comunicação, Castelo Branco, CEP: 58051-900 - Joao Pessoa, PB – Brasil.

ou de imersão jornalística, segundo a nomeação do ensino em Jornalismo, oportunidades de descobertas surpreendentes do mundo cultural paraibano, entre seus artistas e comunidades, gratas vivências entre emotividades e o fazer de um jornalismo cultural diferenciado, que nos levaram a desenvolver um texto que mistura linguagem acadêmica e prosa literária, com alguns enunciados empregando recursos da licença poética, em tentativa de mais fielmente retratar as narrativas do invisível, entre as artes e culturas da Paraíba.

PALAVRAS-CHAVE: extensão universitária; jornalismo cultural; cultura; narrativa.

ABSTRACT

We report on the journalistic work carried out by the team of the Extension Program "Paraíba Criativa - Paraíba culture in the creative economy world," which has been active since 2012. We discuss the daily routine of the Program: the inventoried researches on the state's artistic and cultural scene, the production of news about the same object, as well as the preparation of the cultural agenda. The content produced on a daily basis feed the site www.paraibacriativa.com.br, probably the largest in the country in terms of inventory of arts and cultures of a Brazilian state. The inventory research is carried out in the format and with the techniques of journalism research, based on secondary sources, but also in person, in ethnomethodological procedures, in the academic language of extension, or of journalistic immersion, according to the designation of journalism teaching. This work gives opportunities for surprising discoveries on the cultural scene of Paraíba, amongst its artists and communities, grateful experiences between emotions and the practice of a differentiated cultural journalism. This led us to develop a text that mixes academic language and literary prose with some statements using resources of the poetic license, in an attempt to portray more faithfully the narratives of the invisible, from the arts and cultures of Paraíba.

KEYWORDS: University extension; cultural journalism; culture; narrative.

RESUMEN

Relatamos los trabajos periodísticos realizados por parte del equipo del Programa de Extensión "Paraíba Criativa – la cultura paraibana en el mundo de la economía creativa", en actividad desde 2012. Reflexionamos sobre lo cotidiano del Programa: las investigaciones de inventarios sobre el mundo artístico y cultural del estado, la producción de noticias sobre el mismo objeto, como también la elaboración de la agenda cultural. Los contenidos producidos alimentan diariamente la página web www.paraibacriativa.com.br, probablemente la más grande del país, en lo que se refiere a inventario de las artes y culturas de una unidad federativa de Brasil. La investigación del inventario se realiza en la forma y con técnicas de investigación en periodismo, basadas en fuentes secundarias, y también de manera presencial, en procedimientos etnometodológicos, en el lenguaje académico de la extensión, o de inmersión periodística, según la designación de la enseñanza en periodismo, oportunidades de descubrimientos sorprendentes del mundo cultural paraibano, entre sus artistas y comunidades, gratas experiencias entre emociones y el quehacer de un periodismo cultural diferenciado, lo que nos llevó a desarrollar un texto que mezcla lenguaje académico y prosa literaria, con algunos enunciados que emplean recursos de licencia poética, con la intención de retratar lo más fielmente posible las narrativas de lo invisible, entre las artes y culturas de Paraíba.

PALABRAS CLAVE: extensión universitaria; periodismo cultural; cultura; narrativa.

Recebido em: 12.03.2019. Aceito em: 16.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

Introdução: o perfil e atividades do Paraíba Criativa

Entre as ações extensionistas no segmento da cultura desenvolvidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil predominam, em maioria absoluta, aquelas que se dedicam à formação e aprimoramento de práticas artísticas de muitos segmentos: realizações de espetáculos e festivais, além da grande diversidade de iniciativas que utilizam a arte como ferramenta didático-pedagógica. A extensão universitária, portanto, que desenvolve práticas artístico-culturais como meio e fim, em atos muito louváveis, certamente, pois sabemos da paixão e enlevo de quem faz ou consome, ensina ou aprende, música, dança, teatro, cinema, literatura, entre outras manifestações. Nietzsche indicou como a questão é vital para a humanidade: “A arte existe para que a vida não nos destrua.”

Todavia, nosso programa de extensão, “Paraíba Criativa: a cultura paraibana no mundo da economia criativa”³, doravante apenas de Paraíba Criativa, atua em outro campo, “fora dos palcos” em que as representações paraibanas tomam formas e se materializam. No entanto, as artes e culturas⁴ regionais são nossa “razão extensionista” de existir, pois, seja como objetivo, em

³ Ação extensionista em vigor desde o ano de 2012 – classificada e contemplada com recursos pelo Proext, edital nacional do Ministério da Educação (MEC), entre 2013 a 2016, na modalidade “Programa”, “Linha 2: Cultura e Arte” –, ainda em franca atividade, mesmo sem dotação de recursos. No desenvolvimento de suas atividades, durante os períodos que contaram com financiamento do MEC/Proext, nosso Paraíba Criativa contou, em média, com equipe de 20 membros, entre professores e estudantes, bolsistas e voluntários das graduações em jornalismo e turismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

⁴ Apesar do termo arte e cultura se enunciar como autoexplicativo, nunca é demais lembrar que ele expressa a diferenciação entre os dois objetos, de modo a se afastar o errôneo entendimento de que apenas a manifestação artística seria cultura, pois esta também nomeia o incomensurável conjunto das práticas humanas não artísticas, manifestadas espontaneamente em toda a história da civilização. Tal diferenciação é muito importante para o Paraíba Criativa, conforme será demonstrado ao longo do texto, pois, ao também muito se interessar pelas artes regionais, dedica especial esforço para também descobrir as culturas da terra não muito invisíveis, as “narrativas do invisível”.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p102>

termos de projeto acadêmico formal, ou como diretriz filosófica jornalística, nossa missão é o conjunto de esforços para contribuir substancial e pragmaticamente, com ações direcionadas pelos parâmetros da economia criativa, para que as criações artístico-culturais paraibanas não se acomodem mediante o domínio dos produtos da indústria cultural, tenham maior valor econômico, sejam fatores de geração de emprego e renda, como um vetor para o desenvolvimento sustentável do estado. Por isso, o conjunto das diferentes ações do Paraíba Criativa com o propósito de contribuir para a resolução da crônica falta de recursos que tanto cerceia e desmotiva os agentes culturais da terra: produtores, artistas, grupos, associações, entre as demais pessoas envolvidas com as artes locais.

De outro lado, há as culturas das pessoas comuns, saberes, ofícios e fazeres que coexistem naturalmente no cotidiano, muito relevantes, por contribuir para a valorização do patrimônio cultural da Paraíba, fomentar a rica cultura histórico-identitária do homem da terra, preservar e garantir seu conhecimento por gerações futuras, bens também de interesse turístico-cultural, questão inerentes à economia da cultura e economia criativa.

Nosso programa extensionista é composto por quatro diferentes projetos⁵, com ações executivas desenvolvidas de forma integrada: Inventário Cultural da Paraíba: bens materiais e expressões imateriais; Site disponível na web com os textos inventariantes, notícias e agenda; Agência de Produção Cultural que contribui com os agentes culturais, a exemplo de elaboração de propostas que concorrem a editais e organização de suas apresentações; Planejamento de Eventos acadêmicos e culturais.

⁵ Conforme o edital do MEC/Proext, as propostas podiam concorrer em duas modalidades: "Programa", composto por mais de um projeto (ação / atividade); e "Projeto", caracterizado por desenvolver um único tipo de ação / atividade.

Contudo, o foco deste artigo é o jornalismo na extensão universitária, com um texto que se dedica ao inventário, principalmente no que diz respeito ao trabalho de pesquisa, em moldes de investigação jornalística, e, em menor monta, foca as notícias e agenda sobre as artes e culturas da Paraíba. Abordamos, assim, práticas do jornalismo cultural, cujas produções se encontram no site www.paraibacriativa.com.br que, provavelmente, seja o maior do país no quesito de quantidade de expressões culturais registradas de um estado federativo do Brasil. As redes sociais, especialmente o *Facebook*, também são meios utilizados, especialmente para informar sobre as novas postagens do site.

Os textos finais dos inventários, publicados no site, com caráter de conteúdo enciclopédico, e os que pautam as notícias e agenda cultural, configuram-se como preciosas oportunidades para nossos estudantes, bolsistas e voluntários, complementarem seus aprendizados de sala de aula, experiências indispensáveis para sua melhor formação profissional, conforme a básica diretriz da extensão universitária que tanto valoriza seu perfil de experimento prático alinhado ao ensino e pesquisa.

Todavia, a práxis redacional jornalística, por mais que contribua para a formação dos estudantes, não se mostra tão empolgante quanto o trabalho investigativo, já nas pesquisas de gabinete, mais comuns na internet, mas também com a busca de informações em veículos impressos, livros e periódicas.

Especialmente para a elaboração deste artigo, solicitamos a três estudantes bolsistas do Paraíba Criativa para apresentar suas impressões mais relevantes sobre suas atividades. Citamos, inicialmente, as palavras de Gabriela Gullich da Silva, por tratar especificamente das tarefas cotidianas e mais comuns do Programa, a pesquisa e redação jornalística cultural, com a utilização de fontes secundárias.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p102>

As atividades nos dão oportunidades de aplicar os conhecimentos das disciplinas do curso e apreender a prática de forma mais rápida e intensa, o que também contribui para nosso melhor desempenho nas próprias disciplinas, a elaboração dos textos solicitados pelos professores. E ainda curto muito ser a responsável pelas postagens no *Facebook*, com ilustrações digitais⁶ elaboradas semanalmente que acompanham o link que direciona o leitor ao site. A arte utilizada para divulgar a agenda cultural recebe alterações em suas cores, para facilitar a diferenciação entre uma programação e outra.

Mas nada se compara às nossas emotividades e predileções, de toda a equipe, pela imersão jornalística nos lugares em que as artes e culturas locais tanto pululam, especialmente as populares, ação que proporciona a aventura de se encontrarem artes e culturas não conhecidas e gratas vivências entre seus agentes e suas comunidades. A prática também é um diferencial do Paraíba Criativa, de significativo valor jornalístico, por descobrir e revelar o inédito, manifestações que fazem parte das, de acordo com a poética metáfora, “narrativas do invisível”, aquelas que se ocupam de relatar e contextualizar as manifestações muito pouco conhecidas, especialmente por não despertar muito interesse da mídia, as muitas criações, representações, vivências e trocas comunicacionais do dia a dia de diferentes pessoas e nos espaços de suas comunidades, detalhes dos modos de vida, crenças, memórias, saberes, fazeres, perfis identitários, tipos étnicos e seus costumes, linguagens e sotaques nas praças, feiras livres e mangais⁷ de quase todos os pontos territoriais da Paraíba, inclusive alguns

⁶ Esta nossa bolsista, à época do relato (2017), com 19 anos de idade, aluna da graduação em Jornalismo da UFPB, no quinto período, foi quem teve a ideia de utilizar ilustrações, de sua própria autoria, por sinal, nas postagens do *Facebook*.

⁷ Definimos e contextualizamos a expressão por ela ser emblemática para a cultura nordestino-paraibana e também com a intenção de ela ser, nesse caso, uma metalinguagem do compromisso do Paraíba Criativa informar sobre o que diz respeito às artes e culturas regionais. O mangai, também denominado mangaio, era muito comum nos lugarejos e cidades nordestinas até cerca de três décadas atrás, hoje ainda com alguns estabelecimentos remanescentes, com a oferta de grande variedade de produtos: “secos e molhados”, ou seja, alimentos não perecíveis e bebidas, brinquedos e utilidades domésticas artesanais, como

reconditos, por mais diminutos que sejam. É muito gratificante colecionarmos objetos de pesquisas mais originais, até mesmo para os padrões locais, manifestações não conhecidas pelos próprios paraibanos.

A predileção da equipe pela aventura do descobrir, com o imaginário tão tomado pela ideia de, se fosse possível, levar a vida andando por toda a Paraíba, não significa que as pesquisas de campo sejam tão frequentes, mediante nossas limitações financeiras. Logo, a utilização de fontes secundárias também ser um recurso de ordem econômica

Dessa forma, utilizamos em maior escala a consulta de material disposto na web, principalmente sobre expressões artísticas, as pautas mais comuns do jornalismo cultural. Esse nosso procedimento, gostemos ou não, arranha um pouco nosso ideário de trabalhar com fontes primárias, porém é mais racional, seja no aspecto econômico, ou em relação ao esforço laboral, por permitir maior dinamismo na produção dos conteúdos para o site. Há também a pragmática de utilizar informações da mídia sobre artistas mais conhecidos, cujos contatos diretos se tornam mais difíceis. Eles vivem fora do estado e são pouco acessíveis a entrevistas pessoais quando por aqui passam, coisa que até ocorre com alguma frequência. Tivemos frustradas tentativas de entrevistar alguns deles. Há também artistas paraibanos⁸ menos famosos, também com

lâmparas, redes e panelas de barro; instrumentos para a lida no campo e com o gado, além de muitos outros produtos e quinquilharias. Os mangais são reconhecidos como objetos icônicos da cultura nordestina, símbolos das tradições e memórias identitárias regionais. É interessante se observar que a denominação "Feira de Mangaio" se celebrizou como título da música, clássico da MPB (Música Popular Brasileira), do compositor e instrumentista Sivuca, paraibano de Itabaiana, centenário município da Zona da Mata Paraibana.

⁸ Para ser objeto de nosso inventário o agente cultural deve preencher um dos dois requisitos: nascer na Paraíba, ou morar no estado, comprovando-se que sua atividade artístico-cultural aqui se efetiva, ou se efetivou, considerando-se, portanto, a obra de artistas já falecidos cujo trabalho nasceu ou se desenvolveu em território paraibano, caso da célebre cantora e compositora Marinês, conhecida pelos nordestinos como "A Rainha do Forró", nascida em

moradas em outros lugares, mas presentes em nosso inventário graças às informações online.

Já realizamos entrevistas com celebridades paraibanas, entre eles: o cantor e compositor Chico César, inclusive nosso parceiro, como secretário de Estado da Cultura da Paraíba, em um evento artístico-cultural que promovemos entre janeiro e fevereiro de 2012, denominado “Entardecer no Centro Cultural São Francisco”⁹; o ator global Luiz Carlos Vasconcelos; Herbert Viana, vocalista e líder do grupo Paralamas do Sucesso; e com Ariano Suassuna, em 2012, oportunidade única, já que, meses após nossa conversa, esse genial escritor e dramaturgo ficaria enfermo, vindo a falecer em 23 de julho de 2014. Hoje, Ariano já é reconhecido como mito da cultura nordestina.

Com o conjunto de suas ações nosso Paraíba Criativa, mesmo ao atuar “fora dos palcos”, respira intensamente as artes e culturas regionais, segue os passos e rastros dos agentes culturais e as marcas de suas criações, olha avidamente para suas aparições, formas, detalhes e cores, ouve atentamente seus sons, ou mesmo interpreta seus silêncios, perscruta seus imaginários, recupera suas memórias, procura vasculhar e interpretar tudo que diz respeito ao mundo cultural paraibano, com um olhar mais arguto para aquilo que identifica seu *ethos* identitário, em que as culturas populares são protagonistas, manifestações que garantem os diferentes tons da cor local.

Pernambuco, porém vinda para Campina Grande ainda adolescente, cidade onde despontou para a música e partiu para uma carreira de sucesso no Rio de Janeiro.

⁹ Este local é o principal bem material histórico-arquitetônico da Paraíba, construção com mais de 400 anos de história, um das mais importante do País em estilo barroco, um complexo com igreja, capela, átrio, convento, casa de oração, fonte e grande adro com um cruzeiro talhado em peça de pedra monolítico, além de amplo espaço externo com gramados e jardins, local em que realizamos o citado evento, com atrações musicais e gastronômicas, em seis finais de semana entre os meses de janeiro e fevereiro de 2012, com cantores e grupos da UFPB, cujo destaque foi a apresentação da clássica “Ave Maria de Gounod”, em latim, cantada por um aluno tenor, acompanhado por acordes de violinos, emocionante espetáculo em um evento de grande sucesso, medido pela presença de turistas e população local.

O trabalho jornalístico-cultural

No ensino para a atuação no Jornalismo desses nossos tempos, procuramos orientar o aluno para elaborar o texto conciso e mais objetivo¹⁰ possível, de modo a acompanhar os modos de produção que primam pela rapidez, conforme as regras da televisão e dos meios digitais, em função dos dispositivos de recepção eletrônicos: computadores, notebooks, tabletes e celulares. Os conteúdos jornalísticos, desse modo, devem se adaptar de forma a atender multiplataformas online, procedimento que, entretanto, vai além, de forma a também às necessidades do uso de novas linguagens. Santaella (2000, p. 122) define o desafio: "Além de crescerem na medida exata em que cada novo veículo ou meio é inventado, as linguagens também crescem pelo casamento entre meios, de modo que o universo das mídias fornece uma fartura de exemplos de hibridização de meios, códigos e linguagens."

Entretanto, há um procedimento histórico padronizado no jornalismo cultural, desde os áureos tempos dos veículos impressos, ação certamente decidida em função de propósitos comerciais, efetivando, assim, um "jornalismo cultural de serviços"¹¹, mediante sua função utilitária na vida do leitor, com

¹⁰ A objetividade jornalística é empregada aqui apenas no sentido relativo à síntese, sem a preocupação de considerar as intervenções teóricas do Jornalismo que apregoam o entendimento de que o texto objetivo, como ato imparcial, sem qualquer interpretação, ser impossível, face à compreensão de que o jornalista sempre vai transcrever o fato com base em fontes, e mesmo em se tratando de uma matéria de sua própria investigação haverá influências de sua subjetividade, suas visões de ordem pessoal, ou mesmo seu trato linguístico.

¹¹ Empregamos tal termo em uma acepção particular, porém com algum fundamento na classificação de Marques de Mello (2003), que classifica os gêneros jornalísticos, incluindo no rol o "gênero utilitário: indicador, cotação, roteiro, serviço", em que "roteiro" faz parte do jornalismo cultural, como também do jornalismo de turismo, e "serviço" atende a muitas atividades, inclusive as programações artístico-culturais.

informações que cumprem o papel de guia cultural¹², tanto que a programação de eventos artísticos e espetáculos da cidade, inclusive no formato de agenda cultural, é editoria também presente no site do Paraíba Criativa, assim como a de notícias, por uma razão pragmática, atender às necessidades de consumo do público receptor, sob pena de não despertar seu interesse.

O jornalismo cultural, além de agendar os eventos, também pauta notícias, resenhas e críticas de produtos artístico-culturais de diferentes segmentos, inclusive séries de televisão, telenovelas, o que o faz ser bem popular.

Nesse entendimento, ao tecer comentários sobre as lacunas do jornalismo especializado em cultura, Rivera (2003), diz que tal gênero não contempla os temas humanísticos, os modos de vida das pessoas, as práticas populares, os saberes científicos e tecnológicos, além de outros fatos societários com configurações culturais. Por isso a crítica do autor: “El llamado ‘periodismo cultural’ se ajustó a lo largo de su desarrollo histórico a dos concepciones básicas de la cultura: la concepción ilustrada que restringía el campo a las producciones selectivas de las ‘bellas letras’ y las ‘bellas artes’” (p. 09).

Por sua vez, Basso (2006) considera que o jornalismo cultural é reducionista mediante sua seletividade, ao pautar apenas “as temáticas tradicionalmente conhecidas, como as sete artes¹³ e atividades eruditas”. A

¹² Seja no formato de guia, programação ou agenda, tal tipo de “jornalismo cultural de serviços” se ocupa de indicar horários, endereços, preços e outras informações úteis sobre sessões de cinema, apresentações de peças teatrais, shows, exposições, entre outros eventos do tipo. Nos jornais e revistas impressos tradicionais, os textos, mais comumente, aparecem em tipos pequenos e em blocos montados lado a lado, fato pelo qual, no jargão jornalístico dos velhos tempos, recebem o apelido de “tijolinhos”.

¹³ Essa célebre classificação, cercada de glamour, é obra de Riccioto Canudo, crítico de cinema italiano que, em 1912, elaborou seu *Manifesto das Sete Artes e Estética da Sétima Arte*, com a

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p102>

autora afirma: “Se por jornalismo cultural fosse entendida apenas a produção de artes, ele deveria chamar-se simplesmente jornalismo de artes” (p. 02).

Ao direcionar nosso foco para o jornalismo cultural desenvolvido pelo Paraíba Criativa, especialmente na elaboração de seu inventário, destacamos que a atuação da equipe em tal gênero é diferenciada, em alta escala, principalmente se comparada a práxis comum de apenas pautar as artes mais comuns, de maior interesse da indústria cultural em função do mercado.

Fugimos dessa padronização, justamente por privilegiar as artes e culturas regionais não muito visíveis, fora de focos midiáticos.

Todavia, também consideramos que o jornalismo impresso deve estar com seus dias contados, e o da web, ao priorizar a velocidade e concisão, atende ao tipo mais comum de consumidores, aqueles que querem ganhar tempo em tudo. Mas as bacias semânticas¹⁴ dos leitores não são as mesmas, mas sim pessoais. Continuarão a existir interessados em publicações, reconhecidas por ir além das espumas dos acontecimentos, mesmo que online, como também aqueles mais voltados para informação mais detalhada e com a devida profundidade analítica, e ainda outras pessoas que esperam por matérias de editorias específicas que primam pelo texto melhor elaborado, a exemplo do jornalismo cultural sem amarras que não pauta tão somente as artes, ao sabor do mercado.

Para dar conta do trabalho e seus desafios, segundo o *modus operandi* do Paraíba Criativa, nosso jornalismo cultural adota os fundamentos e caminhos

intenção de incluir o cinema às seis expressões já reconhecidas como as mais relevantes, conforme a anterior nomeação de Hegel, no século 19. Compõem as sete artes: arquitetura, escultura, pintura, música, dança, poesia e cinema.

¹⁴ Conceito de Durand (2005), no qual bacia semântica é uma metáfora de imaginário, na acepção de tal termo como uma forma de os indivíduos reconhecerem o mundo e suas ocorrências, focos de seu olhar, provocando suas interpretações e sentimentos conforme sua formação sociocultural individual.

do clássico fazer jornalístico, ao seguir sua diretriz que apregoa a necessidade da formação humanística dos alunos e sua preparação para escrever um bom texto, com o jeito daquele presente nos jornais impressos em suas épocas de grande reconhecimento público, profundo e analítico, com narrativas sedutoras e envolventes, especialmente ao dar amplo tratamento aos grandes temas da humanidade.

Sempre haverá espaço para o tipo de jornalismo identificado com o clássico fazer, do qual a práxis do Paraíba Criativa procura se aproximar, com seu gênero cultural a partir das pesquisas inventariantes, as quais consideramos como investigações jornalísticas, seguidas da redação dos textos, com relatos do invisível cultural de terras paraibanas. Pesquisas, interpretações e elaborações de textos, portanto, em perspectivas humanistas, de dialogias e interatividades com os agentes, de acordo com os princípios extensionistas.

Em nossa solicitação aos estudantes bolsistas do Programa para falar do Programa, especialmente para este artigo, propusemos até mesmo um diálogo informal. Porém, Sandro Alves de França¹⁵, de acordo com sua personalidade, preferiu apresentar um texto escrito que, austeramente, resume as atividades de pesquisas e redacionais do Programa:

A experiência enquanto membro ativo do Paraíba Criativa é instigante e enriquecedora em várias frentes: há a possibilidade de imersão no campo da história de figuras humanas que têm alguma relevância à identidade cultural paraibana, ressaltando o que jornalismo costuma definir como construção de perfis; o levantamento de informações, dados e referências que auxiliam a preencher lacunas sobre temas diversos, trazendo visibilidade ao que estava “no limbo” do conhecimento ou parcamente difundido e, desse modo,

¹⁵ Este aluno já era bacharel em Letras e, à época da redação (segundo semestre de 2017), encontrava-se no último semestre da graduação em Jornalismo da UFPB. Como bolsista do Paraíba Criativa, pesquisa e redige as pautas inventariantes, além de desempenhar a função de revisor do texto de seus colegas.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p102>

ressignificando-o com um discurso renovado, o que cumpre parte dos pressupostos da reportagem e do compromisso com a função social jornalística. Além desses aspectos, há de se destacar o quanto a ação no projeto abre novos horizontes de conhecimento pessoal e interlocução com conceitos, histórias e práticas que tanto dialogam com área da comunicação quanto a complementam com instrumentos outros. Minhas experiências anteriores, com uma intensa atividade profissional e vivência com o jornalismo cultural, mas enfaticamente com o cinema, foi impactada de modo substancial, tendo em vista todas as interfaces e os outros percursos elencados.

As artes e culturas do povo: o diferencial e a paixão do Paraíba Criativa

Nossos achados inventariantes correspondem às vivências dialógicas da equipe do Paraíba Criativa, de acordo com princípios básicos das ações extensionistas, com os agentes culturais e demais pessoas das comunidades, e se caracterizam como procedimentos investigativos da etnometodologia, de acordo com a rigor acadêmico que exige clareza nos modos de levantamento de dados, a qual permite não apenas o mapeamento das expressões artísticas, mas também a percepção do mundo do agente cultural, coisa somente possível com presença *in loco*, certamente com o devido aceite do artista e das pessoas ao seu redor, para se ter a necessária confiança e credibilidade, pois o trabalho exige aproximação e espontaneidade¹⁶.

Os procedimentos etnometodológicos do Paraíba Criativa nos inventários de campo também se configuram, portanto, como trabalhos de pesquisa jornalística, da imersão do repórter no espaço geográfico sociocultural selecionado, de modo a identificar as manifestações presentes, realizar

¹⁶ Coulon (1995, p. 48) afirma: "Uma pessoa dotada de conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca, é alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe "naturalmente" a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar." Aplicamos o conhecimento etnossociológico e suas técnicas que possibilitam o real conhecimento dos objetos investigados com observações diretas e imediatas em função das interações entre os atores sociais do lugar, suas ações e posicionamentos, suas vivências e os sentidos que lhe são atribuídos.

entrevistas, perceber, relatar e interpretar detalhes e significados do ambiente, das ocorrências do cotidiano local mais relevantes, segundo seu perfil cultural identitário, além de registros fotográficos, um conjunto de práticas de alta relevância para a formação acadêmico-profissional dos estudantes e intervenções dos professores coordenadores e orientadores de forma mais compatível com a atuação profissional, algo que proporciona a tão desejada atualização e complementação da atividade docente.

Por isso, nosso entendimento de convivermos com o privilégio e satisfação de garimpar joias raras, revelar e comprovar como a terra de José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Ariano Suassuna, de Jackson do Pandeiro, Elba Ramalho e Sivuca têm muitos outros talentos para mostrar, além de aspectos comunitários ímpares, espaços de domínios das culturas populares, como os sábios e divertidos cordéis; os repentistas criativos e vivazes que arrancam sonoras gargalhadas ou convocam a reflexões sobre problema sociais; a receita da Dona Severina que somente ela conhece; o quase centenário patriarca quilombola que relata como foi a penosa vida do pai escravo; as histórias, com alguns relatos exagerados, porém empolgantes, do cacique Carlinhos da Aldeia Tabajara da Barra do Gramame, que destaca a nobreza e bravura de seu povo, mas também suas tristes heranças deixadas pela voracidade e inclemência do homem branco; as surpresas da feira livre de Campina Grande, onde há de tudo para se comprar ou trocar, com o irresistíveis mocotó e carne de sol na brasa, acompanhados da mais saborosa e inebriante cana de cabeça; na feira da cidade de Coxixola o tira-gosto mais pedido para acompanhar a mesmo cachaça é o nambu assado. Há milhares de outras ocorrências do mundo cultural paraibano, que tanto instigam nosso olhar inventariante, com um sentimento dúbio, é verdade: de frustração, por saber

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p102>

que nunca daremos conta de tudo; mas também de satisfação, porque o mais apaixonante da cultura é a diversidade, na aceitação de quanto mais elementos, melhor, pois possibilita a contínua aventura do descobrir.

Onde há arte e cultura também se desenham histórias de vidas, curiosas e com apaixonantes motivações, profundas sensibilidades. Por isso, a ida ao campo de pesquisa, o conhecimento de novas paragens, movimentadas e dinâmicas, tranquilas e bucólicas. Qual estudante universitário não gosta de viajar?

Já a própria viagem é uma aventura, com brincadeiras e muito interatividade. Em muitas oportunidades, o lócus das investigações está em festa, cujos eventos também são pautas de nosso inventário. Como estar em uma celebração nordestina de São João, mesmo para trabalhar, e não cair no forró, o legítimo pé de serra? Resistir às comidas de milho?

As observações e vivências desses detalhes, tão humanistas, são estimulantes para a imersão jornalística dos membros da equipe do Paraíba Criativa, a espontaneidade e a interação aguçam a percepção sobre a alma do lugar, de sua gente e da comunidade, de multiplicidades de linguagens, cujas interpretações convocam o espírito jornalístico com sentidos aguçados, pois conforme o dizer de Lenhardt (2000, p. 20), no exercício do jornalista cultural, não basta escrever, mas também olhar. Vamos um pouco mais longe, procuramos aguçar todos os sentidos para também, além de ver, sentir. Cores, aromas, sabores, sons dos burburinhos e dos silêncios, olhares reveladores de espíritos sofridos, porém altivos e repletos de emoções, vozes cujo timbre e sotaque por si só revelam pistas das diferenças de seus modos de viver. No momento de apertar mãos calejadas, porém talentosas, a percepção de elas

serem ferramentas de arte popular, além de pertencer a personagens com conhecimentos e vivências de originais culturas identitárias.

Uma outra bolsista, Mayane Moreira Toscano, em conversa pessoal e em tom de informalidade, conforme o contato diário da equipe, também nos destacou suas experiências mais marcantes nas pesquisas inventariantes. Do seu longo relato, recortamos um trecho que interpreta as gratas vivências da equipe em uma de suas andanças, dialógicas e interativas, estimulantes e divertidas, oportunidades para achados surpreendentes e em escala progressiva:

Muito legal estar no interior, ver coisas que eu pensava não mais existirem: os sacos de macaxeira e inhame chegando à feira emombo de jegues, as pessoas da zona rural em caminhões pau-de-arara, o pessoal ainda vestido de vaqueiro... E o pessoal da cultura popular que conhecemos, como eles ficam empolgados em mostrar seus trabalhos, contar suas vidas! No início, depois nos acostumamos, era surpreendente entrevistar os artesãos, os cordelistas, os poetas, e ficar sabendo, por eles próprios, dos parentes, amigos e conhecidos também artistas. Sempre a gente vem embora sem terminar com a lista de entrevistados. Lembra, professor? Lá em Nazarezinho [município do Sertão da Paraíba]? A dona Francisca¹⁷, escrevendo com mais de 90 anos, lúcida, contando as histórias do Cangaço, dos cangaceiros que ela conheceu. E aquele café na casa da Dona Iris¹⁸, naquela cozinha enorme com fogão de lenha, a carne de sol, o bolo de macaxeira. E ela não deixava a gente parar de comer! Ainda bem que tínhamos o Alex e o Fábio para dar conta [risos].

Contudo, se nosso espírito romântico direciona um olhar mais simpático para as artes e culturas de raiz, é indispensável lembrar que o rico conjunto das manifestações de diferentes localidades não se resume apenas aos

¹⁷ Francisca Avelino, poetisa, escritora e contadora de histórias, que, com 93 anos, ainda desenvolvia sua singela arte. Sua publicação mais conhecida é o cordel em que narra a vida do cangaceiro Chico Pereira.

¹⁸ A ativista cultural Iris Mendes Ribeiro, antiga colaboradora do Paraíba Criativa, foi nossa guia em sua cidade, Nazarezinho, ao nos apresentar seus agentes culturais. Atualmente, o grande desafio de Iris e seus companheiros de luta é a revitalização do casarão e fazenda, denominada Jacu, situados no mesmo município, de propriedade do lendário Chico Pereira, figura expoente do cangaço em terras paraibanas.

tradicionalismos, ao regional, mas também abarca temas e linguagens modernos.

Vemos as artes e culturas da Paraíba com fortes raízes, mas também com muitas escolhas e inovações, em seus diferentes territórios, na sua capital João Pessoa, nos sedutores espaços tropicais do litoral, em Campina Grande, terra do Maior São João do Mundo, e ainda no Brejo, Cariri, Sertão, Curimataú, Vale do Piancó, em todos seus recantos, enfim, que reúnem marcantes traços dos *ethos* identitário local e diferentes linhas de criações e representações artístico-estéticas derivadas de invejáveis talentos que se inspiram nas ricas memórias de seu povo, costumes e tradições, mas também dotados de extraordinária força de adaptação e convivência com os modelos culturais heterogêneos contemporâneos, inclusive com trânsito entre as expressões pós-modernas, nas dimensões espaciais, temporais e comunicacionais, fazendo parte, assim, do caleidoscópio que aglutina as artes e culturas dos tempos atuais, de múltiplas possibilidades, de “culturas híbridas” que definem a “obliquidade de tramas culturais” (CANCLINI, 2001).

Temos, então, de circular pelo velho e o novo, ambos com perfis que seduzem e enlevam nossos olhos e espíritos, transcritos no site do programa como marcas indeléveis, porém mais marcantes são os encontros e vivências *in loco*.

Jornalismo e encontros com a diversidade cultural paraibana

Em nossas pesquisas de campo, imersões jornalístico-culturais, há os recompensadores encontros com muitos personagens, agentes culturais dos mais diferentes segmentos: de artesãos a brincantes do coco de roda; do organizador da festa da padroeira ao sacristão que rege o coral da igreja; do diretor de teatro que come o pão que o diabo amassou para manter seu grupo

amador diante da falta de recursos, e por isso não perde oportunidade para denunciar, com veemência e destemor, “a miopia dos dirigentes locais que não apoiam as artes em seu município, com a ignorância de não reconhecer que cultura é fundamental para a educação”, ao tocador de viola; da poetisa, adolescente ou nonagenária, é verdade (coisas da Paraíba), ao feirante com 50 anos de labuta; da rezadeira, dona Socorro, não muito receptiva, no início, por desconfiar que seríamos evangélicos com a intenção de denunciar suas práticas, mas depois muito afável, tanto que nos benzeu com muito fervor, à dona Severina que, segundo seus familiares e vizinhos, faz “a melhor tapioca do mundo, para se comer no máximo com manteiga de garrafa, sem o absurdo de misturar recheios com presunto, carnes, queijos, chocolate e outras porcarias que vivem inventando para a tapioca”. Experimentamos a iguaria tão autêntica, só de lembrar dá água na boca! Entre muitas outras manifestações.

O conjunto de nossas descobertas, que nos leva a gratas vivências, indica como nossa pesquisa jornalística procura captar a alma do lugar, os perfis e emotividades de seus agentes culturais, a exemplo do marcante encontro que tivemos em Campina Grande, em sua grande feira livre. Na ocasião, nos deparamos com o cordelista Medeiros Braga, natural de Nazarezinho, município paraibano já citado, vendendo seus livretos, impressos em xilogravura. Um de nossos bolsistas, apaixonado por cordéis, reconheceu o artista popular como personagem presente em nosso inventário. Fomos até ele e perguntamos se, por acaso, conhecia o *Paraíba Criativa*, um site da internet. Diante de sua negativa, da afirmação de que “infelizmente não sabia muito mexer com computador”, abrimos seu verbete em nosso tablet. Sua expressão foi de enorme surpresa, e com voz embargada e discretas lágrimas nos perguntou:

“Como vocês sabem isso de minha vida e de minha humilde arte? Como essas minhas fotos?”

Porém, não apenas de regionalismos vivem os movimentos artísticos e culturais na Paraíba, em razão da presença de expressões com temas e linguagens da contemporaneidade ou de interesse além-fronteiras. Mas lembramos de nossa surpresa com os cineastas do Sertão Paraibano e suas produções digitais, que se reúnem, entre outros eventos de sua área, no “Festssauro”¹⁹, realizado anualmente na cidade de Sousa desde 2011, além de colecionar prêmios nacionais e internacionais. Na cidade de Picuí, situada no Seridó Oriental Paraibano, grupos de teatro locais que usam suas montagens como ferramenta educacional e para instigar o posicionamento crítico das plateias, especialmente em temas de relevância social, inclusive a política, ao utilizar o método do “Teatro do Oprimido”, além de trabalhar com clássicos, como Brecht e Pirandello.

Cajazeiras, município do extremo ocidental da Paraíba, bem próximo à divisa com o Ceará, sede da região também conhecida como Alto Sertão, destaca-se por realizar um célebre Carnaval, com todos os excessos de tal festejo, que deixariam de cabelo em pé Virgulino Ferreira da Silva, o mítico Lampião, o Rei do Cangaço, que tanto circulou por aquelas paragens²⁰. Mas a cidade também - quem diria? -, conforme nossa reação ao ouvir a informação

¹⁹ Denominação inspirada no fato de o município de Sousa ser conhecida como a cidade dos dinossauros por contar com achados de fósseis pré-históricos, tanto que a cidade tem uma área de proteção ambiental onde se encontra o equipamento turístico-paleontológico “Parque Vale dos Dinossauros”.

²⁰ Não é coincidência o fato de Zé do Norte, nome artístico do cajazeirense Alfredo Ricardo do Nascimento, nascido em 18 de dezembro de 1908, ter atendido ao convite do cineasta Lima Barreto para compor a célebre música “Mulher Rendeira”, para o consagrado filme “O Cangaceiro”, cuja letra diz: “Olé mulher rendeira / Olé mulher rendá / Tu me ensina a fazer renda / Que eu te ensino a namora / **Lampião** desceu a serra / Deu um baile em **Cajazeiras** / Botou as moças donzelas / Pra cantar mulher rendera (...)” (grifos nossos). O filme ganhou a Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1953.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p102>

de uma nova bolsista do Programa que acabara de chegar, é palco de um antigo e contínuo movimento roqueiro, que passou a ser acompanhado pela nossa equipe. Descobrimos que, desde 1997, acontece o Festival Cajá Rock.

Enviamos dois estudantes de nosso grupo de extensão para acompanhar o evento Grito Rock Cajazeiras 2017, nos dias 21 e 22 de abril, que fez parte do Grito Rock 2017, considerado o maior festival integrado da América Latina, ao ser realizado em 500 cidades do planeta, de 40 países. Na entrevista concedida aos nossos aprendizes de Jornalismo, um representante do Coletivo Culturar, Associação Cultural de Cajazeiras, responsável pela realização do evento, informou que “ao atender ao chamamento internacional, estamos colocando Cajazeiras no circuito musical do mundo”.

A mesma dupla de bolsistas também esteve presente no Festival Rock Cordel, também na cidade de Sousa, realizado em agosto de 2017, em sua quinta edição, que homenageou o roqueiro Gilberto Álvares e sua banda, “A Conspiração”, a primeira do gênero do interior da Paraíba, há 30 anos na estrada, principalmente nas rotas do rock do Sertão e dos demais pontos do interior nordestino.

Na entrevista ao *Paraíba Criativa*, colhida no Festival Rock Cordel, o vocalista e líder da banda “Os Renegados” afirmou: “O rock é um tipo de música, um tipo de som que, em vez de chocar com as culturas locais, agrega-se a elas. Há muito tempo, o rock deixou de ser uma música norte-americana para ser mundial, que gosto de dizer, até interplanetária [sic].” Constatamos, assim, que, para alguns afoitos e ambiciosos roqueiros sertanejos, os gêneros musicais de nossa limitada e prosaica Terra não são suficientes para atender à complexidade de suas criações mais conectadas com linguagens do infinito.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p102>

Na fala de um animado espectador do evento, um sentido de que a produção e consumo cultural locais não são padronizados, com amarras no regionalismo: “Um festival de Rock aqui em Sousa quebra o paradigma de que, no Sertão, somente existe forró.”

No entanto, nem só de alegrias, curiosidades e paixões vive o mundo cultural paraibano, campo também árido para seus agentes, principalmente em relação às questões de custeio financeiro, como tudo o mais que se depende das regras capitalistas em que vivemos. Apontar para os problemas significa que também desenvolvemos um jornalismo crítico, comprometido com as realidades das artes e culturas locais, de acordo como nossas pautas sobre a Associação Balaio Nordeste que, além de ser objeto de nosso inventário, e suas ações constantemente serem temas de nossas notícias e agenda, é entidade parceira do *Paraíba Criativa*, por atender nossos chamados para abrilhantar eventos artístico-culturais. Em contrapartida, já colaboramos com a associação em algumas de suas apresentações, além de elaborar seus projetos para concorrer a editais de financiamento, com sucesso. Entretanto, os valores obtidos com editais e patrocínios esporádicos são insuficientes para custear todas as despesas do, conforme nossa fraternal denominação, “Balaio”, que, apesar das dificuldades, realiza atividades de reconhecido valor. Luta, contando com nosso apoio, para tombar o forró pé de serra como patrimônio imaterial da Paraíba. Em 2016 e 2017, levou sua “Orquestra Sanfônica²¹” à França, com despesas pagas pelos anfitriões, fato que comprova a alta qualidade artística do grupo. Ouvir sua música é um privilégio.

²¹ A Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste, conforme sua denominação indica, utiliza somente sanfonas como instrumentos musicais. Acreditamos que ambos os nomes, da associação e da orquestra, são muito precisos no sentido de externar o compromisso com a cultura nordestino-paraibano de raiz.

Considerações finais

Desenvolvemos nosso texto com alguma informalidade acadêmica, com o propósito de revelar o tipo e ambiente de trabalho do *Paraíba Criativa* de forma mais eficiente e interativa possível, com apresentação de detalhes, além de empregar alguma licença poética, recurso que acreditamos ser oportuno e coerente para tratar de artes e culturas, com a intenção de os enunciados representarem fielmente os agentes e suas criações. Pensamos na possibilidade de nossa narrativa descritiva ter o dom de evocar compreensões mais precisas sobre o mundo cultural paraibano, cúmplices olhares dispostos a compartilhar nossas emotividades e paixões, assim como o fazem os agentes culturais que nos revelam suas vidas, atos que oxigenam nosso fôlego e espírito extensionista.

Cravamos tal afirmação com suporte no comportamento dos agentes culturais e suas criações, que transcrevemos ao longo do artigo, além de nos proporcionarem talhar as frases, imagéticas e tomadas de simbolismos. Certos estamos de que o simbólico, especialmente ao tratar de cultura, tem o potencial de tecer redes imaginárias até mais operantes do que nossa frágil realidade.

Assim, muito intencionalmente, guardamos para o final, um exemplo marcante: os vaqueiros paraibanos e suas vaquejadas, de diversos pontos da Paraíba, com sua pronunciada identidade, que tanto enaltece toda a mitologia de seu tradicional modo de vida. E nos perguntamos, em uma perspectiva de sensibilidade bem pessoal: Quem não se arrepia ao assistir, participar, de uma missa de vaqueiro? Não se emociona ao ver a emoção daquele fiel cristão, com sua indumentária toda de couro, seu semblante compenetrado e fervoroso em um grande rito de fé, pelo qual esperou por um ano?

Esse tipo de vivência, que tivemos em algumas oportunidades, justifica as palavras paixão e emotividade, tão interpretativas e significativas para se compreender o tipo de emoção do cordelista Medeiros Braga, que chorou na sua espontânea e autêntica simplicidade ao ver seu verbete no site do *Paraíba Criativa*.

Como qualquer cultura regional jamais é estática e não rejeita novas escolhas, as expressões da contemporaneidade, permitimo-nos lembrar, filme publicitário à parte, pois se trata de um velho adágio popular, que “há coisas que não têm preços”. Quem concorda com tal afirmação entende o natural e óbvio entendimento do ideário que nos move a manter o *Paraíba Criativa*, assim como o tipo de jornalismo cultural de extensão que praticamos. É muito gratificante e motivador discorrer sobre os feitos artístico-culturais de mãos calejadas, do povo paraibano, porém muito talentosas e criativas, antes anônimas, não mais depois da passagem de nosso *Paraíba Criativa*.

Referências

- BASSO, E. F. C. Para entender o jornalismo cultural. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 9, n. 16:(1) jan./jun. 2008, p. 69-81. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/702/549>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: como entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2001.
- CARVALHO, A. L. P. **Paraíba criativa**: a cultura paraibana no mundo da economia criativa. Proposta para o edital MEC/Proext, modalidade Programa. 2014 (não publicado).
- COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DURAND, G. **L'imaginaire**. Paris: Hatier, 1995.

LENHARDT, J. Crítica de arte e cultura no mundo contemporâneo. In: MARTINS, M. H. (org.). **Rumos da crítica**. São Paulo: Ed. Senac/ Itaú Cultural, 2000, p. 13-29.

MARQUES DE MELLO, J. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do mundo**: Dimensões culturais na festa junina na cidade de Campina Grande. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Cultura e Sociedade. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8976/1/Zulmira%20N%C3%B3brega.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

RIVERA, J. B. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

SANTAELLA, L. Três matrizes da linguagem-pensamento. In: MARTINS, M. H. (org.). **Rumos da crítica**. São Paulo: Ed. Senac/ Itaú Cultural, 2000, p. 120-133.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.